



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE

IVSimpósio de  
Pós-Graduação  
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR  
TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE

## OS CONDOMÍNIOS DE PORCOS DO EXTREMO OESTE DE SANTA CATARINA

**Clademir Trentini**

Doutorando em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF)

### 1. Introdução

A suinocultura promoveu e promove papel relevante na economia do Extremo Oeste de Santa Catarina, sobretudo no contexto da agricultura familiar. A limitação da autonomia produtiva pelas agroindústrias estimulou os criadores a buscar alternativas de se manter na atividade. Nesse cenário, surgiram os condomínios suinícolas, organizados por grupos de agricultores que buscaram, por meio da cooperação, manter certo controle sobre a produção. A problemática diz respeito à tensão entre autonomia e dependência no modelo de produção suinícola: como se organizaram coletivamente e a resistência diante das pressões estruturais da agroindústria? Justifica-se pela necessidade de compreender as estratégias organizacionais desses grupos, bem como seus impactos sociais, produtivos e econômicos, especialmente num contexto marcado pela concentração do poder produtivo e comercial. Sua função social reside em contribuir com o debate sobre modelos alternativos de produção rural, capazes de fortalecer a agricultura familiar e a soberania produtiva regional. Assim, o objetivo central do estudo é analisar o processo de criação de suínos em sistema de condomínios suinícolas, em contraposição ao modelo de produção controlado pela agroindústria. Serão abordados aspectos relacionados à constituição dos grupos de criadores responsáveis pela formação desses condomínios, a regulamentação e organização do sistema, originalmente impulsionado pela extinta ACARESC. A pesquisa discute como esses grupos se estruturaram a partir dos agricultores, a criação coletiva e a partilha das responsabilidades.

A formação de associações de criadores de porcos, por meio da união de agricultores nos anos 1980, contou com o estímulo de empresas de extensão rural e teve como principal objetivo fortalecer os produtores após a crise provocada pela Peste Suína Clássica e Africana no final da década de 1970. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, “a peste suína clássica não oferece risco à saúde humana, mas pode causar alta mortalidade em suínos” (BRASIL, 2021, p. 1). Diante desse



contexto, a proposta de reorganização produtiva dos criadores se materializou na constituição dos chamados condomínios suinícolas. Em sua definição mais simples, o termo "condomínio" refere-se ao domínio ou à propriedade compartilhada de um bem ou imóvel por duas ou mais pessoas. A palavra tem origem no latim *condominium*, que significa “domínio conjunto”. Trata-se de uma forma de organização na qual diversos indivíduos compartilham direitos e deveres sobre uma mesma propriedade, seja ela um terreno, um prédio ou, nesse caso, um sistema coletivo de produção suinícola.

Esse processo resultou da articulação entre criadores que se uniram para formar condomínios suinícolas, enquanto outros resistiram isoladamente na tentativa de manter sua subsistência como produtores independentes. A constituição desses grupos visava estabelecer uma alternativa própria de criação de suínos, mesmo diante do fato de que o destino da produção já estava amplamente vinculado ao sistema de abate controlado pelas agroindústrias instaladas no Extremo Oeste e Oeste de Santa Catarina. O sistema de integração foi implantado pelas agroindústrias com o objetivo de centralizar o controle da produção, retirando dos criadores a autonomia sobre a criação dos animais. Em resposta a essa lógica impositiva, os agricultores buscaram formas de resistência, organizando-se coletivamente para garantir a continuidade da atividade suinícola em suas propriedades, ainda que, aos poucos, fossem sendo inseridos no modelo de integração vertical. De acordo com Martini:

O condomínio de suínos consistia na união de diversos criadores com o objetivo de concentrar, em um único local, as matrizes reprodutoras, sendo que os sócios possuíam participação e direitos iguais na divisão da produção. A proposta previa que, a cada 30 dias, os sócios ou aqueles com direito de retirada recebessem os leitões com peso médio de aproximadamente 20 kg, os quais eram então levados para suas propriedades, onde se realizava a fase de engorda (jun. 2025).

A criação de porcos no extremo oeste catarinense é uma atividade econômica significativa na região. Para Barros (1978, p.100) região “a região é uma unidade econômica e uma construção territorial, não sociológica e a partir destes o homem constrói seu espaço geográfico e econômico modificando conforme seus interesses e necessidade”. A submissão do criador pela agroindústria foi pensada por quadros de assistência técnica das próprias agroindústrias, órgãos públicos, sistemas de orientação técnica e campanhas educativas sobre o agricultor familiar. Aqui entra o papel



desenvolvido pela ACARESC, com auxílio financeiro na época do então Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), incorporado pelo Banco do Brasil, com o aporte financeiro aos criadores.

De acordo com Barden (out. 2017), “no início foi difícil pagar o investimento da instalação/pocilga que era necessária para acomodar os animais dos sócios”, isso porque o “condomínio foi resultado da compra ou doação de uma área de terra de um sócio ou de terceiros para implantar a estrutura que acomodou os animais reprodutores”. Titon afirmou que “havia diferentes modelos de condomínios: onde somente tinham agricultores associados, ou agricultores e a cooperativa e mesmo em família foram organizados os grupos” (jun. 2025). Ainda Alba afirmou que “não foi difícil de pagar o investimento do condomínio porque depois de oito anos com a inflação, com o dinheiro de uma galinha foi possível pagar a parcela no Banco”.

Assim houve diversos grupos de criadores constituídos, organizados pela Extinta ACARESC, Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina, atual EPAGRI, que foram se distribuindo em todo o Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina, tendo o município de Quilombo um dos pioneiros na composição dos grupos de criadores de suínos em sistema de condomínio. Portanto:

a ACARESC, apóia a instalação de condomínios suinícolas. Estas sociedades se caracterizam pela reunião de um grupo de pequenos suinocultores que realizam em comum a produção e criação de leitões até 70 os dias na chamada Unidade Produtora de Leitões (UPL). Após essa fase os leitões são distribuídos aos condôminos e a fase de terminação é feita por eles em suas propriedades em caráter familiar (ACARESC, 1985, p.31).

O processo de constituir e estabelecer essa modalidade de criar promoveu uma reorganização no modo de criar de muitas famílias rurais que tinham no porco parte de suas atividades econômicas. Não pode se ignorar os modelos de produção propostos de ambos os lados porque eles “sistema de criação” tinham e tem como base o agricultor familiar incluído neste contexto. Os condomínios fizeram frente à lógica proposta pelas agroindústrias por um período em que os animais se mantiveram sob controle dos criadores. Nesta situação de concorrência empresas e criadores com interesses distintos peregrinaram para atender as necessidades de suprimento constante de oferta suínos e atender o mercado consumidor. Mudanças tecnológicas, padrão de consumo, políticas



públicas, expansão do capital agroindustrial, superação da sazonalidade foram os desafios da cadeia produtiva de suínos. Para Belato “o capital divide e separa a produção por produtos, como separa da produção agrícola funções sociais, políticas e econômicas oriundas da organização tradicional da agricultura” (1985, p. 148).

A partir de 1990 houve queda significativa na produção independente de suínos. O processo de criação de suínos no oeste de Santa Catarina após 1980 foi caracterizado por uma transição para sistemas de produção. A constituição dos condomínios suinícolas foi resultado da articulação coletiva de pequenos criadores, com apoio de instituições públicas como a extinta ACARESC, buscando preservar certa autonomia produtiva diante das transformações econômicas e estruturais do setor. A crise sanitária provocada pela Peste Suína Clássica e Africana no final da década de 1970 foi um ponto de inflexão que motivou a reorganização dos criadores, levando à formação de associações e estruturas compartilhadas de produção, os condomínios. Com a estrutura da Unidade Produtora de Leitões (UPL), os sócios dividiam igualmente a produção e assumiam responsabilidades e benefícios, o que fortaleceu laços comunitários e estratégias de auto-suficiência.

## 2. Metodologia

A pesquisa baseou-se em uma abordagem qualitativa, com análise documental e entrevistas com agentes envolvidos no processo de constituição dos condomínios suinícolas. Foram utilizadas fontes orais, como depoimentos de produtores e técnicos, além de documentos institucionais da extinta ACARESC. A investigação buscou reconstruir o contexto histórico-social da organização dos criadores, destacando as estratégias adotadas frente às transformações estruturais da suinocultura. Essa abordagem permitiu compreender a dinâmica entre autonomia produtiva e a integração com a agroindústria.

## 3. Resultados e discussão

Evidencia que, embora os condomínios tenham representado uma tentativa de resistência, o avanço da integração vertical foi inevitável. A partir da década de 1990, observou-se um declínio expressivo na produção independente, e a maioria dos agricultores familiares foi gradualmente incorporada aos sistemas padronizados da



agroindústria. Fatores como mudanças tecnológicas, políticas públicas, expansão do capital agroindustrial, padronização do consumo e exigências de mercado acabaram por moldar a suinocultura regional aos interesses da indústria.

#### 4. Considerações finais

Mesmo nesse cenário de transição, é necessário reconhecer o papel fundamental desempenhado pelos agricultores familiares e suas formas alternativas de organização na construção do espaço produtivo regional. O sistema de condomínios, embora limitado temporalmente, demonstrou a capacidade de reação e adaptação do meio rural frente às imposições do capital. Como destacou Belato (1985, p. 148), o capital fragmenta a produção, dissociando funções sociais e econômicas historicamente associadas à agricultura tradicional, o que reforça a relevância de experiências como os condomínios no entendimento da dinâmica agrária local.

#### Referências:

- ACARESC. Coordenação de Suinocultura. *Agricultura de Grupo: produção de suínos em condomínio*. Florianópolis, 1985.
- ALBA. Nelson. Entrevista concedida a Clademir Trentini, em Riqueza- SC. 20 jun. 2025.
- BARDEN, Roque. Entrevista concedida a Clademir Trentini, em Itapiranga- SC. 20 out. 2017.
- BARROS, José d'Assunção. *O conceito de região: teoria e método*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1978.
- BELATO, Luiz A. *A agricultura e o capital: reflexões sobre a produção rural no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1985.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. *Peste Suína Clássica*. Brasília: MAPA, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/sanidade-animal/doencas/peste-suina-classica>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- MARTINI, Alice. Entrevista concedida a Clademir Trentini, em Riqueza- SC. 16 jun. 2025.